

Biografia de

Vitorino Nemésio



Vitorino Nemésio nasceu a 19 de dezembro de 1901, na Praia da Vitória, ilha Terceira, Açores.

Fez os seus estudos primários e secundários na Praia da Vitória, em Angra do Heroísmo e na Horta, vindo a concluir o liceu em Coimbra, em 1921.

Para o prosseguimento de estudos, inscreveu-se inicialmente na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Mais tarde, trocou o curso em que se tinha matriculado pelo de Ciências Histórico-filosóficas, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 1925, matricula-se no curso de Filologia Românica, curso que terminou na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1931, com elevada classificação, dando de imediato início à sua carreira académica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde lecionou literatura italiana e, mais tarde, literatura espanhola.

Em 1934, doutorou-se em Letras pela Universidade de Lisboa com a tese *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*.

Lecionou ao longo de quase 40 anos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Do seu vasto *curriculum* académico, contam-se, ainda, a passagem pela Bélgica, onde lecionou de 1937 a 1939, na Universidade Livre de Bruxelas, e pelo Brasil, em 1958.

A 12 de fevereiro de 1926, casa em Coimbra com Gabriela Monjardino de Azevedo Gomes, de quem teve quatro filhos: Georgina (novembro de 1926), Jorge (abril de 1929), Manuel (julho de 1930) e Ana Paula (final de 1931).

Vitorino Nemésio foi autor e apresentador do conhecido programa televisivo *Se Bem Me Lembro*, que deu a conhecer e popularizou a sua figura junto do grande público, e dirigiu, ainda, o jornal *O Dia*, entre 1975 e 1976.

Destacou-se como um dos grandes escritores do século XX, recebendo o Prémio Nacional da Literatura, em 1965, e o Prémio Montaigne, em 1974.

Da sua obra, destaca-se, entre outros, o romance *Mau Tempo no Canal*, um dos mais aclamados da sua época.

Faleceu a 20 de fevereiro de 1978, em Lisboa.

Pouco antes de morrer, Vitorino Nemésio pediu ao filho para ser sepultado no cemitério de Santo António dos Olivais, em Coimbra, e para que os sinos tocassem o Aleluia em vez do dobre a finados. O seu pedido foi respeitado.